

ECONOMIA AGRÍCOLA, RECURSOS NATURAIS E MEIO AMBIENTE

CRISE E REESTRUTURAÇÃO DO AGRIBUSINESS DO CACAU

.....

Andréa da Silva Gomes
Aluna regular do Curso de Mestrado em
Economia da UFBA,
bolsistas da CAPES.

Gustavo Bittencourt Machado
Aluno regular do Curso de Mestrado em
Economia da UFBA,
bolsistas da CAPES.

Roberto Sá da Silva
Aluno regular do Curso de Ciências
Econômicas da UFBA.

Vitor de Athayde Couto
Coordenador do Programa de Pesquisa^()*
sobre Agribusiness da UFBA.

RESUMO:

.....

Alguns aspectos de duas formas de organização do trabalho e da produção são tratados neste texto. A atual crise econômica na região cacauífera, caracterizada pela perda de competitividade da cacauicultura no mercado internacional, tem ensejado o aparecimento de formas organizacionais emergentes do trabalho e da produção, como o sistema arista e o assentamento rural. A primeira, variante do assalariamento e a segunda, do cooperativismo. Essas inovações inserem-se num contexto de reestruturação do agribusiness do cacau. A análise baseia-se em aspectos microeconômicos dos dois sistemas de produção diferentes, segundo a Metodologia de Sistemas Agrários, necessária para a compreensão das particularidades e características do arista ou assentado representativo, diante dos seguintes padrões de vida: pobreza extrema, reprodução simples e reprodução ampliada.

PALAVRAS-CHAVE:

Cacau; Inovações Tecnológicas; Crises Econômicas; Emprego.

^(*) Participam da pesquisa: Ana Georgina Peixoto Rocha, Ana Margaret Simões, Carla Aziz, Joana Barbosa Guedes e Ligia Graciete Soares da Silva, bolsistas do CNPq.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto é apresentar alguns resultados preliminares da pesquisa sobre novas formas de organização do trabalho e da produção na região cacauceira da Bahia. Essas novas formas originam-se da crise regional, estrutural, baseada numa monocultura que se esgota como padrão de acumulação localizada. Essa comunicação baseia-se em duas formas de organização do trabalho e da produção: o sistema *arista*, que é semelhante ao assalariamento tradicional vigente e preponderante na região, mas com peculiaridades nítidas e próprias; e o assentamento rural, proveniente das ocupações com objetivo de reforma agrária, numa região rica em recursos naturais. Embora se apresentem como formas historicamente caracterizadas, salienta-se que são novas formas regionais, peculiares ao momento atual de crise. Os assentamentos rurais surgem como uma tendência a ocupar a massa de trabalhadores desempregados, tendência que é favorecida pela considerável queda do preço da terra. A primeira forma implica uma precarização nas relações de trabalho. Os assentamentos tendem a configurar-se como uma alternativa de utilização sustentável de recursos humanos e naturais abundantes.

São apresentados resultados preliminares, comparando-se dados de produção, renda e gastos dos trabalhadores *aristas* de uma fazenda bem-sucedida no novo modelo (unidade A) com os dados de trabalhadores *assentados* numa área desapropriada pelo INCRA (unidade B).

As inovações tecnológica e organizacional indicam um reordenamento das forças sociais na região, implementadas por novos sujeitos que não mais reproduzem as anteriores práticas produtivas no relacionamento do trabalho com a produção. O sujeito preponderante desse processo na unidade A é o capital, o empresário empreendedor a nível microeconômico. A força de trabalho, desorganizada institucionalmente devido à dessindicalização, sujeita-se às condições impostas ao ambiente gerado pela nova base técnica e organizacional. Na unidade B, as inovações são menos tecnológicas do que organizacionais, destacando-se o cooperativismo.

2 O MERCADO DO CACAU

Em 1930, quando predominava o vínculo do capital comercial com o capital internacional, o Estado interveio criando condições infra-estruturais em transportes, armazenamento e embarque para atender ao aumento da demanda por cacau. “Em 1957, paralelamente ao início da expansão do capital agroindustrial a montante (a indústria para a agricultura), foi constituída a Ceplac... seguindo-se inovações no processo produtivo das amêndoas (o “pacote tecnológico”)... Em 1989, consolida-se o complexo agroindustrial do cacau com a expansão da agroindústria a jusante e... [em 1995], o mercado interno quebra um grande tabu com a importação de cacau africano para atender às necessidades da indústria do chocolate aqui instalada e fortalecida (COUTO, 1995, p.28)⁽³⁾.

Entre o final da década de 80 e início dos anos 90, o mercado internacional do cacau vinha-se caracterizando por um excesso de produção sobre o consumo, que gerava uma acumulação crescente dos estoques. Segundo Sant’Ana, a produção tem crescido, confirmando uma tendência verificável desde os anos 60. A produção de cacau, entre 1984 e 1991, apresentou uma taxa de crescimento anual de 7,2%, enquanto a demanda mundial apresentou um crescimento médio anual de 4,5%. Como fatores determinantes do crescimento elevado da produção, têm-se um aumento crescente da área plantada decorrente dos altos preços do cacau no fim dos anos 70 e subsídios governamentais. No sul da Bahia, foram plantados cerca de 200 mil hectares em áreas cujo solo era inapropriado. Além disso, os países asiáticos, como Costa do Marfim, Malásia e Indonésia, ampliaram consideravelmente suas respectivas áreas plantadas e produções.

O ingresso de concorrentes asiáticos alterou significativamente a estrutura de mercado e preços, com impactos na produtividade e participação relativa dos países na produção mundial do cacau. Entre 1988 e 1992, a Indonésia apresentou um aumento na produção de 4.342,9%. A da Malásia cresceu no mesmo quinquênio, 1.515,7% e, juntamente com a elevada produção da Costa do Marfim, primeiro produtor mundial, acabou provocando queda dos preços, paralelamente ao controle e manipulação dos estoques pelos cartéis dos países industrializados. A partir de então, a produção da Bahia vem caindo con-

sideravelmente, não somente pelo baixo rendimento físico historicamente caracterizado devido ao caráter quase extrativista, pouco empresarial e pouco inovador da classe dominante local, mas também devido à incidência da doença conhecida como vassoura-de-bruxa, causada pelo fungo *crinipellis perniciososa*, que aumentou ainda mais a crise. O rendimento físico do cacau baiano declinou de 44,64 para 25,50 arrobas/ha/ano.

A crise na região cacauceira da Bahia já se apresentava desde a década de 80, devido à progressiva perda de competitividade da cacauicultura baiana no comércio internacional. Desvantagens comparativas, gestão microeconômica extrativista e um menor custo da força de trabalho nos países concorrentes que apresentavam rendimentos físicos bem maiores que a baiana constituíram fatores determinantes da crise. Outro fator é a progressiva utilização de substitutos hydrogenados do cacau, cujo uso é limitado a 5%, na União Européia. Além disso, a produção nacional tem sido insuficiente para o abastecimento do mercado interno.

Os custos de produção, no Brasil, são mais altos que os da Indonésia cuja estrutura produtiva é familiar. A previsão neste país é que a produção deverá ficar estável. Na Malásia, com uma agroindústria tecnificada, o cacau é parte de um sistema produtivo diversificado com coco, dendê e borracha. Têm-se estimulado a erradicação de cacauceiros e o plantio de palmas e seringueiras. A Costa do Marfim teve reduzida sua produção por causa de pragas e fatores climáticos. Nesse contexto, o consumo mundial cresce cerca de 6% ao ano devido à participação dos países do Leste Europeu. Assim, o preço da tonelada de cacau poderá chegar a dois mil dólares, bem acima dos atuais níveis, que já superam os mil e quinhentos dólares. No plano interno, o fim do ICMS sobre a exportação de produtos primários e semi-elaborados elevou o preço da arroba para mais de R\$ 20,00.

Na Bahia, a diminuição do rendimento físico, práticas fitossanitárias e gestão do cacau (cacauceiros com uma média de 35 anos de idade) ineficientes, preços reduzidos e aumento das obrigações trabalhistas fizeram com que os custos de produção crescessem substancialmente. Depoimentos de cacauicultores evidenciam custos superiores à receita. Hoje, a fim de combater a vassoura-de-bruxa, exige-se uma mão-de-obra atenta, treinada e disposta, além da permanente utilização de insumos químicos. Esses custos

conduziram à crise generalizada e ao declínio da forma de assalariamento tradicional, com grande contingente de trabalhadores desempregados, em torno de 150 mil. As inovações organizacionais emergem com a diversificação de funções do trabalhador. Este passa a aglutinar funções que antes eram exercidas especificamente por mais de uma pessoa. O trabalhador passa a responsabilizar-se desde o trato cultural - aplicação de insumos, poda e rebaixamento de copa, retirada de frutos e galhos contaminados com vassoura-de-bruxa - até a colheita, quebra do cacau para retirar a amêndoa e beneficiamento no secador e barçaça.

Os altos índices de inflação, de meados da década de 80, juntamente com a queda da renda do cacauicultor, e aumento dos custos com insumos, mão-de-obra e tecnologias fizeram com que o nível de endividamento da região se elevasse e, por conseguinte, fossem sendo relaxados alguns tratos culturais essenciais para a manutenção da qualidade fitossanitária das áreas. Esta realidade se agravou com o surgimento da vassoura-de-bruxa, em 1989. Além disso, variações climáticas, quanto ao regime de chuvas, afetaram, no início dos anos 90, o rendimento físico das propriedades. Os índices pluviométricos diminuíram, efeito atribuído ao fenômeno "El Niño" no Pacífico, na costa oeste da América do Sul, e ao desmatamento da floresta tropical. Nos últimos dez anos, a produção de cacau da Bahia reduziu-se em 50%.

Originário da Amazônia, o fungo *crinipellis perniciososa* já havia sido detectado no Equador, Colômbia e Venezuela, desde a década de 20. Esses países, apesar de conviverem, atualmente, com a doença, aumentaram suas produções. O Equador, por exemplo, que produzia 30 mil t/ano, desceu para 15 mil t/ano e hoje atinge 100 mil t/ano. Fatores organizacionais, a nível de produtor, e tecnológicos, sob o amparo estatal e de empresas privadas, foram determinantes para a recuperação da lavoura equatoriana. Técnicas de desenvolvimento de variedades clonadas mais resistentes à doença foram implementadas, como a enxertia; utilizou-se consorciamento do cacau com outras culturas (soja, milho, banana d'água), espaçamento 2x2; o rebaixamento de copa facilitou o manejo e a retirada de vassouras dos cacauceiros, que atingem agora não mais que três metros de altura.

A crise atual engendra significativa reestruturação da base técnica de produção em torno da

intensificação do uso da força de trabalho individual, sobre a qual não se pode ainda prever resultados definitivos. Desemprega-se um contingente elevado de trabalhadores rurais (fator de expulsão), contribuindo para o aumento da favelização em centros urbanos regionais, como Ilhéus e Itabuna, constituindo-se nos dois pólos de atração dos desempregados.

Uma outra razão da crise a ser ressaltada é a fraca integração agroindustrial. Os produtores de cacau limitam-se ao pré-beneficiamento da amêndoa nos secadores e barcaças. Essa etapa do processo produtivo, além de não agregar valor, homogeniza o produto comercializado, sem diferenciá-lo. Assim a dependência completa dos rendimentos dos fazendeiros e dos trabalhadores para com os oligopólios comerciais e industriais, diante dos preços controlados e variados internacionalmente se mantém.

3 METODOLOGIA

.....

Na atual fase da pesquisa a que se refere este texto, a metodologia se baseia na revisão de literatura, análise conjuntural e três estudos de caso, com **pesquisa de campo**. Esta última foi realizada através da aplicação de questionários por trabalhador em cada unidade de análise. Os dados coletados referem-se à: renda, produção, tratos culturais, e gastos dos trabalhadores.

Foram visitadas as unidades A (aristas) e B (assentados). O questionário utilizado foi moldado com base no conhecimento prévio de cada unidade de análise, diferentemente, de acordo com a realidade de cada área onde se localizam as unidades pesquisadas.

Na unidade A, que adota o sistema arista, foram entrevistados 40 trabalhadores-aristas, que representam todo o universo, além de uma entrevista com o administrador. Na unidade B, que é uma área de assentamento rural, foram entrevistados 42 assentados, correspondendo a uma amostra de 50% da população existente. Além dos trabalhadores dessa unidade, foram entrevistados diretores da cooperativa do assentamento - Coprasul (Cooperativa de Produção Agrícola do Sul da Bahia).

Os resultados iniciais referem-se à renda dos trabalhadores rurais das unidades A e B, abrangendo a renda monetária do próprio trabalhador (RMP), o autoconsumo e a renda familiar agrícola (RFA). Em seguida, faz-se uma tipologia dos trabalhadores aristas ou assentados segundo seu enquadramento nos Tipos A - região de reprodução ampliada; B - região de reprodução simples e C - região de indigência ou pobreza extrema, com base nos estratos de renda.

Para análise dos dados, utiliza-se, na área de reforma agrária (Unidade B), a metodologia de Diagnóstico de Sistemas Agrários em relação aos dados coletados no campo, para a compreensão da realidade dos assentados. Verifica-se que, na unidade A, a metodologia retrocitada fica prejudicada em virtude do regime de assalariamento do trabalhador. Como afirma Groppo, "(...) é necessário planejar novos métodos para compreensão dos sistemas na sua globalidade e dinâmica, porque eles apresentam propriedades especiais que emergem da interação dos componentes: o todo, geralmente é diferente da soma das partes. Apenas o conhecimento das partes não se adequa, geralmente, ao comportamento do sistema como um todo." Nesse caso, a unidade de análise familiar é aquela em que as pessoas vivem juntas, cuja renda é gerada na mesma unidade de referência. Groppo adianta que, então, o critério habitativo não se aplica em virtude de a família constituir-se num grupo único e total - "existem casos de crianças casadas, aliás viventes, que trabalham sobre a mesma exploração dos pais e a renda se confunde com a totalidade"; portanto, a idéia de chefe de família, como aquele que gera renda para o grupo familiar, também fica prejudicada. Homem, mulher e filhos trabalham na produção agrícola.

4 O SISTEMA ARISTA DE PRODUÇÃO

.....

O sistema arista é o nome que se dá à forma de organizar a produção em espaços limitados de atuação de cada trabalhador-arista dentro de uma fazenda. O termo arista vem de área, cuja extensão é variável de uma fazenda para outra. Adota-se visando ao aumento de rendimento físico, o trabalhador é permanentemente exigido e fiscalizado para obter um rendimento maior que o médio da região. Baseia-se num contrato de empre-

go comum fixado com a assinatura da carteira de trabalho do arista pelo proprietário. O trabalhador ideal tem que ser polivalente. Ele deve exercer multiespecialidades, com intensificação de funções. O sistema arista requer alteração da divisão técnica da produção. Por exemplo, no sistema tradicional de divisão do trabalho e de produção predominantes, o trabalhador exerce uma função específica - ou cuida da roçagem, ou da aplicação de fertilizantes e defensivos agrícolas, ou da colheita e quebra do cacau em toda a área da unidade produtiva; no sistema arista, estas atividades passam a concentrar-se num só trabalhador; cada um restringe-se a uma área média de 5 a 7 ha. Essas mudanças existentes na lavoura cacauera decorrem, por analogia, da passagem do padrão fordista de divisão da produção para o chamado toyotismo verificado em atividades industriais e de serviços. Substituiu-se a estrutura hierárquica verticalizada do processo produtivo por uma horizontalizada, reduzindo o distanciamento entre o gerente e o trabalhador. Este é treinado e qualificado para ter iniciativas e adotar decisões.

Observa-se, no novo sistema, que, apesar de a jornada de trabalho não se estender além das 44 horas semanais, há uma maior intensidade do uso da força de trabalho. "Há indicações de que o sistema reduz também o número de trabalhadores (em torno de 20% com relação ao antigo sistema" (TREVISAN & FERREIRA, 1990, p.357)⁽⁶⁾, durante o processo produtivo do cacau. O número ótimo de trabalhadores no cacau considerado pela atual administração da unidade A é de 62 aristas, definindo uma média de 4.500 cacaueros por trabalhador. Hoje há apenas 40 aristas ativos, pois 22 foram dispensados em virtude da estiagem prolongada em 1996, que fez com que o rendimento físico declinasse abaixo do custo de produção (45 arrobas/ha/ano).

Os resultados preliminares deste estudo de caso não devem ser generalizados para toda a região. Convém considerá-los comparativamente com as outras formas - assentamento rural - de organizar a produção e o trabalho - cada uma seguindo uma estrutura própria de cada tipologia produtiva. Há, por exemplo, outras unidades produtivas, aristas, com suas particularidades próprias, inerentes à experiência e conhecimento de cada proprietário, em cada caso. Há casos de manutenção e sustentabilidade econômica, assim como de abandono e término na utilização desse sistema.

A unidade A tem apresentado, desde o início da adoção do sistema arista, em 1987, até 1995, lucros em torno de 40%, em média. Em 1992, considerado o pico da produção, o lucro esteve em torno de 100%, justamente no ano em que as chuvas alcançaram 1.319,20 mm anuais - segundo maior índice da série temporal desde a implantação do sistema. Isso se deve ao maior nível de aprendizagem acumulado simultaneamente por parte da administração e sobretudo dos trabalhadores-aristas ("learn by doing"). Verifica-se, então, que, embora o ano de 1988 tenha apresentado um índice pluviométrico superior ao de 1992, em torno de 1.599,85 mm anuais, a produção de 1992 foi 100% superior à de 1988. Expliqua-se isso, por razões técnicas e organizacionais durante a fase inicial do sistema, haja vista ter sido implantado no final de 1987. Salienta-se que o primeiro foco de vassoura-de-bruxa foi encontrado na fazenda em 1991. O grau de infestação da área corresponde ao nível 1, facilmente controlável (o fungo se localiza mais nos galhos e menos no fruto), o que pouco se pode atribuir à diminuição da produção pela pequena incidência de vassouras. Hoje a doença está presente em 25% da área produtiva. Diante dessa constatação, um manejo constante e intenso e uma presença atenta de uma mão-de-obra flexível, qualificada e treinada em suas respectivas áreas de trabalho justifica a necessidade de premiação dos trabalhadores, visando ao aumento do rendimento físico e combate à doença.

Devido à estiagem prolongada, em 1996, apresentando índices pluviométricos baixos, a unidade passou a ter prejuízo (50%, em média). Ressalta-se que o imóvel rural, por estar numa zona de transição, próximo ao semi-árido, apresenta índices mais baixos que os do eixo Urucuca-Camacã (região típica da lavoura). Nesse ano, houve uma diminuição dos prêmios e os trabalhadores não tiveram participação nos lucros, enquanto nos anos de elevada produção, a participação do arista ficava entre 3 e 7% do lucro gerado por sua quadra. O mecanismo de concorrência entre os pares de quadra justificava essa oscilação na participação sobre os lucros, chegando, em 1992 (o melhor ano), a uma relação técnica média de 130 arrobas por hectare/ano, o arista que recebia o percentual maior (7%), obtinha, no final do ano, descontados os custos de produção, um ganho líquido de 21 arrobas; isto significa, aos preços de mercado vigentes, uma renda adicional de R\$ 35,00 mensais.

Em 1996, que pode ser considerado o ano crítico para o sistema, na unidade A, houve uma diminuição do número de aristas, devido à queda da produção. Com isso, os aristas que permaneceram passaram, além de cuidar de sua própria área (4.500 cacauzeiros ou 5,3 ha, em média, considerando 837 plantas por hectare), a ser deslocados para as áreas vazias. De meados de 1996 a início de 1997, houve a dispensa de 22 aristas, reduzindo-se a 40, que é o número de trabalhadores entrevistados nesta pesquisa.

O número médio de membros que compõem a unidade familiar do arista corresponde a 6 pessoas, e é composto por: dois adultos (homem e mulher); dois adolescentes com mais de 14 anos; uma criança e um idoso. Para calcular o valor do consumo médio do grupo familiar do arista, atribuiu-se uma unidade de consumo (UC) ao marido e à mulher, coeficiente 1,0; 0,7 UC a cada um dos adolescentes; e 0,5 UC a uma criança até 14 anos e a um idoso acima de 65 anos.

N. médio de membros/unidade familiar = 6,0

Homem e Mulher: $2 \times 1,0 = 2,0$

Adolescentes: $2 \times 0,7 = 1,4$

Criança e idoso: $2 \times 0,5 = 1,0$

Unidade de Consumo local: **4,4**

Cálculo da cesta básica local dos assentados:

U.C. (do arista) x cesta básica local ^(*) / U.C. (padrão)^(**) = cesta básica média do arista

U.C.

Homem e Mulher: $2 \times 1,0 = 2,0$

Duas crianças: $2 \times 0,5 = 1,0$

Unidade de Consumo padrão: **3,0**

$4,4 \times R\$ 52,90 / 3,0 = R\$ 77,59$

Cesta básica local em R\$: R\$ 77,59

(*) Cesta básica: composta pelos 12 (doze) produtos e quantidades adotados pela SEI - Superintendência de Estudos e Informações Sócio-Econômicas do Estado da Bahia - multiplicados pelos preços locais do mercado onde os aristas fazem suas compras, igual a R\$ 52,90.

(**) U.C. (padrão): Unidade de Consumo de uma unidade familiar, composta de homem e mulher adultos e duas crianças com idade entre 8 e 14 anos, de acordo com a cesta básica padrão.

A cesta básica local corresponde ao mínimo necessário com que sobrevive o arista e sua família (6 pessoas) com base na composição de produtos de uma cesta básica padrão. Verifica-se que, adotando-se a cesta básica fornecida pela SEI e modificando apenas a composição da cesta básica, com apenas alguns produtos próprios do hábito alimentar do arista e sua família, como a inclusão de fubá, em substituição ao pão francês, a cesta básica local, a preços do mercado local onde o arista realiza suas compras, totaliza R\$ 77,59, para seis pessoas ou 4,4 UC.

Verifica-se que, por ser assalariado e receber adiantada a sua remuneração, em cada mês, a renda do grupo de trabalhadores-aristas na Unidade A apresenta um mínimo e um máximo. A renda mínima corresponde a um salário mínimo vigente, que, na época do levantamento (janeiro 1997), estava em torno de R\$ 112,00. A renda máxima corresponde a R\$ 188,58. Este é o limite superior a que pode chegar um arista atualmente. Salienta-se que a renda considerada corresponde à recebida pelo arista no sistema de produção da unidade A. Não se consideram as rendas provenientes de outros indivíduos da família, oriundas principalmente da informalidade e precariedade urbanas; apenas as rendas agrícolas.

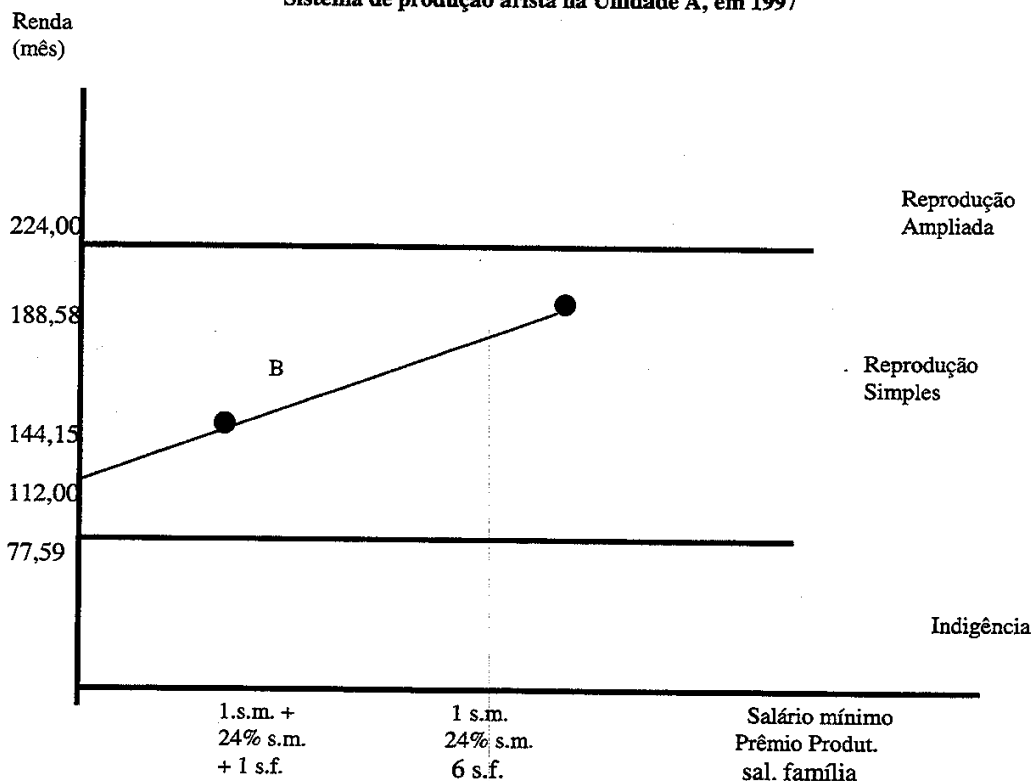
Comparando esses dados com o sistema de produção do assentamento rural, observa-se que, neste, a dispersão no conjunto dos trabalhadores entrevistados é maior; enquanto, no sistema arista, há uma concentração de renda em torno da renda média, observando-se uma variabilidade pequena; contudo, as variações existentes, como se verifica na TABELA 1, decorrem da quantidade de salário família que um grupo familiar recebe, ou seja, o número de filhos, até a idade limite de recebimento do salário família para cada filho. O salário mínimo é o piso, podendo ser somado aos prêmios de produtividade, que atingem até 24% sobre o valor do piso; isso, além do autoconsumo, em alguns casos, conforme consta na TABELA 1. Para simplificar a abordagem, considera-se a cesta básica média de R\$ 77,59 para todos os aristas, em detrimento da cesta básica de cada grupo familiar, variável de acordo com a quantidade de pessoas por domicílio.

Conforme observa-se no GRAFICO 1, todos os aristas localizam-se na região de reprodução simples. Ressalta-se que nenhum arista recebe menos de um salário mínimo, de acordo com a Constituição Federal; portanto, há um limite

mínimo, para baixo, no gráfico, que faz com que o segmento de reta inicie-se a partir do salário mínimo vigente. Neste caso, inexistente a situação de indigência no sistema arista. A análise se estende da mesma maneira, para a inexistência de aristas, cuja renda situe-o na região de reprodução ampliada. Há uma limitação superior, para cima do gráfico, que faz com que o segmento de reta vá até a renda de R\$ 188,58. Este valor é a

o sistema de assalariamento normal, o sistema arista não lhe permite superar o nível de reprodução simples, mantendo-o na mesma situação social, sem mobilidade social, para uma faixa de renda superior. Já no sistema de produção do assentamento, verifica-se uma mobilidade social entre os assentados, de acordo com o GRAFICO 2.

GRÁFICO 1
Sistema de produção arista na Unidade A, em 1997



Fonte: Pesquisa de Campo

Notas: Tipo A inexistente: Região de Reprodução Ampliada
Tipo B totalmente: Região de Reprodução Simples
Tipo C inexistente: Região de Indigência

remuneração máxima que recebe um arista. A possibilidade de ultrapassar a linha de pobreza, a região de reprodução simples, portanto, inexistente. O arista não tem condições de chegar à região de reprodução ampliada, a menos que tenha mais filhos, a fim de obter mais salários-família, o que se torna improvável, em virtude do valor da cesta básica familiar também aumentar. Não obstante garantir maior rendimento para o trabalhador que

Caracterização do arista representativo: Tipo B (ponto B no Gráfico 2)

Renda mensal: R\$ 144,15

Composição da renda: 1 salário mínimo + 24% de prêmios de produtividade + 1 salário família

Autoconsumo: inexistente

TABELA 1
Renda dos aristas na Unidade A, em 1997

Indivíduo	R.M.P	Auto-consumo	R.F.A.
1			147,20
2			127,00
3	145,00	23,60	168,6
4			142,50
5			165,00
6			134,50
7	130,70	3,60	134,3
8	127,00		127,00
9	160,70	7,20	167,9
10	123,20	11,20	134,4
11	130,70		130,7
12	130,70	6,60	137,3
13	112,00		112,00
14	123,20		123,20
15	138,20	5,20	143,4
16	130,86		130,86
17	153,20	2,00	155,2
18	138,20		138,2
19	138,52	17,00	155,52
20	155,00		155,00
21	140,00		140,00
22	162,98	25,60	188,58
23	138,52	17,40	155,92
24	112,00		
25	130,90	6,80	137,7
26	123,20	18,40	141,6
27	123,20	7,20	130,4
28	138,52	22,80	161,32
29	140,00		
30	123,20	17,20	140,4
31	146,18	5,20	151,38
32	161,50	18,00	179,5
33	153,84	28,00	181,84
34	169,16		
35	123,20	16,80	140,00
36	112,00		
37	138,52	15,20	153,72
38	123,20		
39	142,64		
40	134,98		

Fonte: Pesquisa de campo.

Notas: RMP - Renda Monetária Própria

RFA - Renda Familiar Agrícola

O arista típico é aquele que, embora represente as características de um arista próximo ao ponto médio na verdade é uma representação ideal, construída com base nas médias dos dados coletados. O arista típico, cuja renda está em torno de R\$ 144,15 deve possuir 32 anos de idade, ter 4 filhos morando em casa; juntamente com a mulher, ele soma seis pessoas na unidade

familiar. Mora fora da fazenda, na cidade mais próxima, distante 6 Km da unidade produtiva. Seus filhos, normalmente estudam e frequentam escola pública na cidade. Sua moradia é uma casa com paredes pintadas, coberta com telhas, com sanitário externo, cuja fossa é rudimentar; possui energia elétrica e água encanada; contudo, o lixo doméstico é depositado a céu aberto em terreno baldio. Na casa, há dois quartos, uma sala e cozinha, numa área total construída de 100m².

A origem da renda do grupo familiar decorre do regime de assalariamento. Somente o arista trabalha e sustenta todo o grupo familiar. Recebe o salário mínimo juntamente com os prêmios de produtividade que totalizam 24% do salário mínimo e 1 salário família. É um indivíduo que possui um rádio, televisão, fogão a gás e ferramentas de trabalho, como enxada e facão. Normalmente, é devedor da empresa, cujo débito chega a cinquenta por cento de sua renda mensal, embora eventualmente tenha débitos junto a comerciantes e particulares. Quanto à prática religiosa, é vinculado a uma igreja protestante e participa regularmente das reuniões de trabalho e avaliação da unidade A, assim como das reuniões de lazer com os outros aristas, aos domingos, no próprio clube da empresa.

O ASSENTAMENTO RURAL

O assentamento rural objeto da pesquisa situa-se no Município de Arataca, sul da Bahia, aqui denominado unidade B. Os assentados organizam-se em cooperativa. Ressalta-se que a propriedade da área é coletiva assim como os meios de produção, secador, três barcaças e um depósito, caminhão, trator, casa de farinha e os imóveis. Os assentados podem plantar a extensão de terra que desejarem, desde que limitada à força de trabalho familiar.

O produto da colheita e sua apropriação pertencem ao assentado que se responsabiliza, algumas vezes, pela comercialização. A principal fonte de renda do assentado decorre da venda de bananas, sobretudo a banana da terra, cujo preço alcança, no mercado local, R\$ 5,00 o cento. Ainda não se colhe café, por o cafezal não estar na fase produtiva. A mandioca para farinha, feijão de corda, milho e verduras são utilizados para autoconsumo familiar quando não são comercializados, juntamente com a banana nas cidades.

Observa-se que a produção agrícola do assentamento consiste numa fonte importante de abastecimento dos povoados e cidades adjacentes. A cooperativa possui 180 cabeças de gado de leite, tipo Girolanda, e 15 ha de capineira.

Quanto à área de cacau, sua extensão está em torno de 200 ha (espaçamento 3x3m e sombreamento por cabruca, com alguma vegetação primária), dividida por 48 famílias, ficando cada uma com 4 ha, em média. A produção de cacau, em 1996, correspondeu a 900 arrobas, ou seja, 5,6 arrobas/ha/ano, uma média bem inferior à da região, que é de 20 arrobas/ha/ano. A produção vem declinando a cada ano. Isto ocorre porque foi nesta área, da microrregião homogênea de Camacã, que se apresentaram os primeiros focos da vassoura-de-bruxa. De um modo geral, a microrregião tem apresentado os mais baixos rendimentos físicos, classificada como nível de infestação 3 (o mais crítico); daí, o baixo rendimento físico, embora os trabalhadores apliquem adubos e façam rebaixamento de copa.

Para a análise microeconômica do sistema de produção do assentamento rural de Arataca (unidade B), adota-se o mesmo critério utilizado no sistema arista, em virtude de a composição do grupo familiar quanto à quantidade de moradores e respectiva faixa etária ser bastante semelhante em ambos os casos. O número médio de moradores por unidade familiar, no assentamento rural, corresponde também a 6 pessoas, distribuídas da seguinte forma: dois adultos (homem e mulher); dois adolescentes com mais de 14 anos; uma criança e um idoso. Para calcular o valor do consumo médio do grupo familiar do arista, atribuiu-se uma unidade de consumo (UC) ao marido e à mulher, coeficiente 1,0; 0,7 UC a cada um dos adolescentes; e 0,5 UC a uma criança até 14 anos e a um idoso acima de 65 anos.

N. médio de membros/unidade familiar = 6,0

Homem e Mulher: $2 \times 1,0 = 2,0$

Adolescentes: $2 \times 0,7 = 1,4$

Criança e idoso: $2 \times 0,5 = 1,0$

Unidade de Consumo local: **4,4**

Cálculo da cesta básica local dos assentados:

U.C. (do arista) x cesta básica local ^(*) / U.C. (padrão)^(**) = cesta básica média do arista

U.C.

Homem e Mulher: $2 \times 1,0 = 2,0$

Duas crianças: $2 \times 0,5 = 1,0$

Unidade de Consumo padrão: **3,0**

$4,4 \times R\$ 47,65 / 3,0 = R\$ 69,87$

Cesta básica local em R\$: R\$ 69,87

A cesta básica local corresponde ao mínimo necessário com que sobrevive uma família com 6 indivíduos do assentamento rural, com base na composição de produtos de uma cesta básica padrão. Abaixo do valor respectivo, há uma região de indigência.

Acima desse valor até dois salários mínimos, que correspondem a R\$ 224,00, em valores da época da entrevista (abril 1997), há uma região considerada de reprodução simples, em que a unidade familiar, além de satisfazer suas necessidades alimentares "básicas" obtém uma renda superior ao valor da cesta básica local, que lhe permite consumir outros produtos, de higiene pessoal, material de limpeza ou serviços de lazer.

A partir de dois salários mínimos, começa a região de reprodução ampliada, em que a renda permite que o grupo familiar obtenha um excedente necessário para investir na lavoura, comprar mudas, ferramentas, equipamentos, melhorando, assim, seu padrão de vida.

^(*) Cesta básica local: composta pelos 12 (doze) produtos e quantidades adotados pela SEI - Superintendência de Estudos e Informações Sócio-Econômicas do Estado da Bahia - multiplicados pelos preços locais do mercado onde os aristas fazem suas compras, igual a R\$ 47,65.

^(**) U.C. (padrão): Unidade de Consumo de uma unidade familiar, composta de homem e mulher adultos e duas crianças com idade entre 8 e 14 anos, de acordo com a cesta básica padrão.

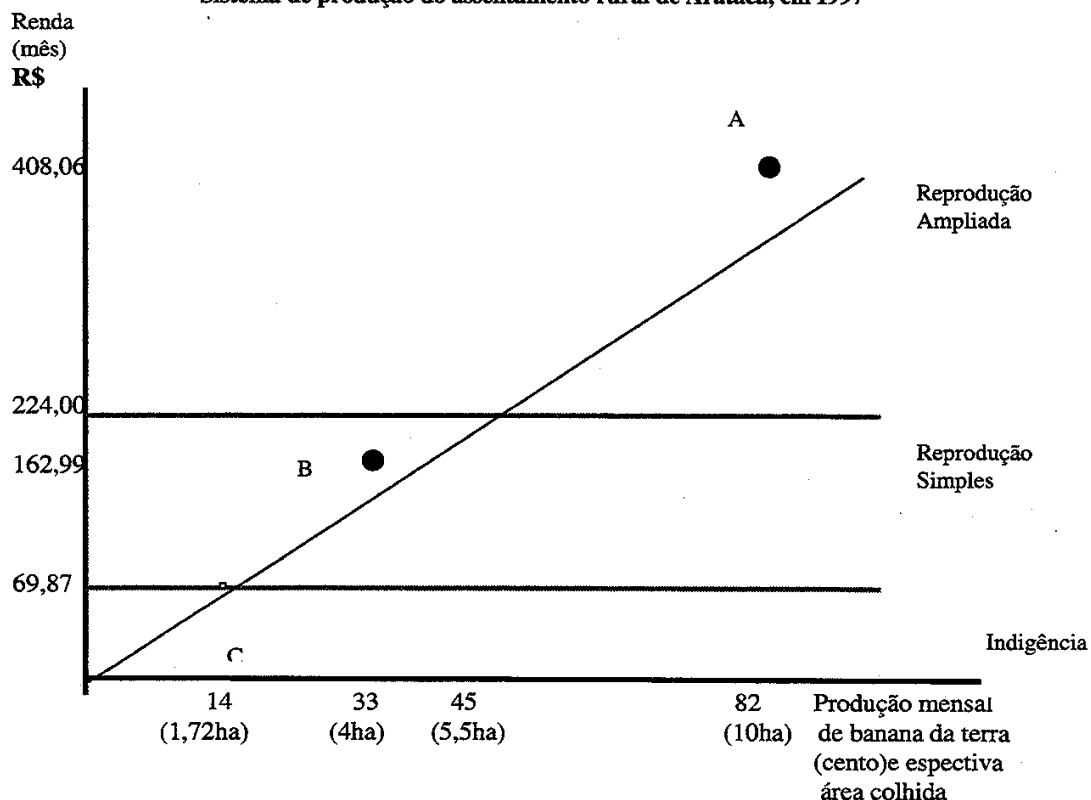
No Gráfico 2, parte-se de um consumo autônomo, diferente de zero, necessário para manter as famílias assentadas recentemente ingressas no assentamento, que ainda não plantaram, ou plantaram e estão esperando a colheita. Essas famílias recebem ajuda e doações dos demais assentados que já plantaram com recursos do financiamento do PROCERA - Programa Especial de Crédito da Reforma Agrária. Essa recentidade varia de 2 meses a 1 ano. Na amostra, foram identificadas 13 famílias nesta situação, recém-ingressas no assentamento, provenientes de uma outra área, caracterizando a mobilidade espacial dos assentados nas áreas de reforma agrária.

Ainda é prematuro classificar essas famílias na região de indigência, ou tipo C, em virtude de sua recentidade no assentamento rural. Esta variável não implica afirmar a situação de indigência

dessas famílias. Além disso, há um outro componente essencial que não faz concluir a existência de indigentes no assentamento de Arataca. As famílias recentes não passam fome e sobrevivem com a ajuda das demais famílias das regiões de reprodução simples e ampliada e da cooperativa local; portanto, observa-se uma relação de solidariedade entre os assentados. Saliencia-se que as casas onde residem as famílias são contíguas umas das outras, ao invés de casas isoladas e distantes, explicando, assim, o surgimento de uma relação próxima e de vizinhança entre as famílias.

No Gráfico 2, o sistema de produção de cada família do assentamento é predominantemente constituído de banana, principalmente banana da terra. Este produto é determinante na renda dos assentados situados na região de reprodução simples e ampliada, chegando a 73% da receita

GRÁFICO 2
Sistema de produção do assentamento rural de Arataca, em 1997



Fonte: Pesquisa de Campo

Notas: Tipo A Região de Reprodução Ampliada

Tipo B Região de Reprodução Simples

Tipo C Região de Indigência

do grupo familiar, em média, e a 100%, para alguns, em relação ao produto comercializável, desconsiderando o autoconsumo. Com banana da terra, obtém-se, na feira local, um preço médio em torno de R\$ 5,00, por uma centena de frutos, durante o ano. Para a banana da prata, obtém-se um preço médio de R\$ 1,00, nas feiras locais. Embora a plantação de banana da prata, juntamente com a de banana da terra, tenha sido incentivada pela cooperativa, com recursos oriundos de financiamento (no valor de R\$ 3.181,00 para cada família), alocados para a plantação destes dois produtos, café, de tipo *conillon*, tratos culturais e adubos do cacau. A banana da prata tem desestimulado os produtores em virtude de seu baixo preço no mercado local, comparado com o preço cinco vezes maior da banana da terra. A renda proveniente de cacau é mais baixa, alcançando, no máximo, 15% da renda total. Isso, em virtude do baixo rendimento físico dos cacauzeiros, em torno de 5 arrobas/ano/hectare, bem inferior à média da região (25,50 arrobas/ha/ano), e à média histórica (44,64 arrobas/ha/ano). O café, recentemente plantado, ainda não foi colhido. Muitas das famílias hoje sem rendimento, ou com rendimento abaixo da cesta básica local, poderão atingir um padrão de vida superior quando começarem a colher café e banana recém-plantados. Para simplificar os cálculos, considera-se banana da terra representativa do conjunto dos produtos comerciais em virtude de ser determinante da renda das famílias dos assentados.

A análise do Gráfico 1 fornece uma explicação num ponto-momento segundo uma abordagem estática. Com a continuação da pesquisa, poder-se-á comparar os dados, obtendo-se uma variação numa perspectiva dinâmica no tempo, permitindo outras observações e conclusões. Simplificadamente, considerando a mesma fertilidade de solo em toda a área do assentamento e o mesmo padrão tecnológico e trato cultural utilizados pelas famílias, uma política de elevar a renda das famílias, atualmente, consiste em aumentar a produção de banana da terra. Uma família situada na região de indigência sairá deste estado e tenderá a situar-se na região de reprodução simples, acima do valor da cesta básica local, se aumentar sua produção de banana e a área cultivada. Abaixo de 14 centos de banana da terra por mês, em 1,72ha, o assentado continuará na região de indigência. Expandindo ainda mais a produção e a área colhida, acima de 45 centos de banana da terra por mês, em 5,5, ha, o assentado passará para a situação da região de repro-

dução ampliada, que lhe permite acumular, investindo em seu próprio sistema de produção. A renda limite da região de reprodução simples, que caracteriza a linha de pobreza está em torno de dois salários mínimos, conforme sugere a metodologia.

O tipo representativo, médio, da região de reprodução simples é o tipo B, cuja renda está em torno de R\$ 169,99, resultante da venda de 33 centos de banana da terra, produzidos mensalmente numa área de 4ha. Há 17 famílias de assentados do tipo B. Já na região de reprodução ampliada, o tipo representativo é o tipo A, cuja renda está em torno de R\$ 408,06, oriunda, basicamente, da venda de 82 centos de banana da terra, numa área colhida de 10ha. Há 11 famílias de assentados de tipo A: limite mínimo de renda de R\$290,08 e limite máximo de renda de R\$ 839,00. Desconsidera-se o tipo C, cuja renda inferior é R\$ 69,87, já que os 14 assentados entrevistados, que se situariam na região de indigência, se encontram nesta situação em virtude de serem muito recentes na região. A grande maioria desse universo chegou no assentamento há 4 meses da época das entrevistas. Esse componente, assim, não se aplica, com propriedade, à análise do conceito de sistema de produção porquanto aqueles agricultores não cumpriram sequer um ano agrícola.

Caracterização do assentado típico da região de reprodução simples - Tipo B

Renda média mensal: R\$ 162,99

Área de banana: 4 ha

Área de cacau: 4 ha

Produção

banana da terra: 264 centos/ano

Preço médio: R\$ 5,00

banana da prata: 180 centos/ano

Preço médio: R\$ 1,00

Rendimento físico com banana, por hectare: 111 centos/ha/ano ou 9,25 centos/ha/mês

Cacau: 20 arrobas/ano

Preço médio 1996: R\$ 15,00

Rendimento físico: 5 arrobas/ha/ano ou 0,41 arrobas/ha/mês

Percentual de participação na renda

Banana da terra: 68%

Banana da prata: 9%

Cacau: 15%
Autoconsumo: 8%

O assentado típico da região de reprodução simples é aquele que possui uma renda mensal de R\$ 162,99, sua idade, na média, está em torno de 43 anos e tem 4 filhos. Juntamente com a mulher, forma um grupo familiar de 6 pessoas. Originário da região cacauceira, sempre foi trabalhador rural em fazendas de cacau. Todos os filhos freqüentam a escola do assentamento rural. Habita a residência padrão do assentamento, cujas paredes são pintadas; a casa é coberta com telhas; tem sanitário interno; a fossa é rudimentar; possui energia elétrica gratuita. A água para consumo alimentar é tratada e retirada de poço; o lixo doméstico é queimado, ao invés de ficar a céu aberto, como no caso do arista. A casa, com dois quartos, uma sala e sanitário interno também possui um quintal, onde a família, além da roça, pode plantar hortaliças, frutas e verduras e criar animais para alimentação, como galinhas.

O assentado típico colhe, em média, 264 centos de banana da terra e 180 centos de banana da prata por ano, numa área de 4ha, obtendo um rendimento físico de 111 centos por hectare, ao ano. Como a banana da terra é comercializada no mercado local, por um preço cinco vezes maior que o preço da banana da prata, aquele produto torna-se determinante da renda dos assentados, em torno de 68% na composição da renda total. O segundo produto importante na composição da renda desse assentado é o cu com uma participação de 15%, numa área de 4ha, cuidada pelo assentado e sua família. Obteve, em 1996, uma produção de 20 arrobas por hectare, ano, com um rendimento físico de 5 arrobas/ha/ano, irrisório, portanto. Com os recursos do financiamento fornecido, aplica, regularmente, adubos e adota os tratamentos culturais recomendados pelos técnicos da cooperativa.

Além dos produtos retrocitados, esse assentado planta café, abacaxi e mandioca, de onde obtém a farinha para autoconsumo e faz doação para os demais assentados (os recentes). Colhe abacaxi para consumo doméstico, vendendo-o eventualmente nas feiras locais. O assentado possui, em casa, os seguintes aparelhos domésticos: rádio, fogão a gás e a lenha, televisão e instrumentos de trabalho como enxada, facão, machado, foice, entre outros. É devedor da cooperativa em relação aos recursos do financiamento, os quais devem ser pagos pela sua produção. Sua

renda destina-se, basicamente, ao consumo de bens não-duráveis, principalmente compras de alimentos em mercados locais.

Caracterização do assentado típico da região de reprodução ampliada: Tipo A

Renda média mensal: R\$ 408,06
Área de banana: 10 ha
Área de cacau: 4 ha

Produção

Banana da terra: 815,28 centos/ano
Preço médio: R\$ 5,00
Feijão-de-corda: 300 Kg/ano
Preço médio: R\$ 1,00
Rendimento físico da banana: 81,53 centos/ha/ano ou 6,79 centos/ha/mês

Cacau: 20 arrobas/ano
Preço médio 1996: R\$ 15,00
Rendimento físico: 5 arrobas/ha/ano ou 0,41 arrobas/ha/mês

Percentual de participação na renda

Banana da terra: 83,24%
Feijão-de-corda: 6,13%
Cacau: 6,13%
Autoconsumo: 4,5%

O assentado típico da região de reprodução ampliada é aquele que possui uma renda mensal de R\$ 408,06. Sua idade situa-se em torno de 44 anos; tem 8 filhos (acima da média, que é 4), havendo, no domicílio, um total de 10 moradores (assentado, mulher e filhos). Originário de outras regiões, que não a região cacauceira, sempre foi trabalhador rural, embora tenha desempenhado atividades como pedreiro. A maioria dos filhos freqüenta a escola: alguns, no assentamento rural; outros, em escola pública da sede do município de Arataca. Habita, da mesma forma que o assentado-tipo B, a residência-padrão, cujas paredes são pintadas; a casa é coberta com telhas; tem sanitário interno; a fossa é rudimentar; possui energia elétrica gratuita. A água, para o consumo alimentar também é tratada e retirada de poço. O assentado típico também queima o lixo doméstico. A área da casa mede em torno de 450m², havendo quintal, onde a família, além da roça, também pode plantar hortaliças, frutas, verduras e criar pequenos animais.

O assentado típico colhe, em média, 815,28 centos de banana da terra por ano, numa área de 10ha, obtendo um rendimento físico de 81,15 centos/ha/ano. A banana da terra é o produto determinante da renda deste tipo de assentado, constituindo-se em 83,24% da sua renda total, comercializada no mercado local. O feijão de corda é o segundo produto mais importante na composição da renda, com uma participação de 6,13%, assim como o cacau, que gerou, em 1996, uma produção média de 20 arrobas/ha/ano, com um rendimento físico de 5 arrobas/ha/ano. O autoconsumo corresponde a 4,5% da renda total. Possui uma dívida de R\$ 3.181,00 junto à cooperativa, decorrente do financiamento do PROCERA. Assim como os assentados do tipo B, aplica, regularmente, adubos e adota os mesmos tratos culturais recomendados pelos técnicos da cooperativa.

Eventualmente, o assentado tipo A contrata outros assentados, geralmente os assentados ou associados recém-ingressos (tipo C), que ainda não praticam a sua própria colheita. Esse assentado planta café, abacaxi e mandioca, de onde utiliza a farinha para autoconsumo e doa para os assentados recém-chegados. Também colhe abacaxi para consumo doméstico, vendendo o excedente nas feiras locais, eventualmente. Além de aparelhos domésticos, como rádio, fogão a gás, televisão e instrumentos de trabalho, o assentado tipo A tem condições de investir na própria área, comprar adubos, mudas e contratar trabalhadores para a lavoura, vislumbrando um horizonte de valorização do seu patrimônio familiar. Esta situação o caracteriza na região de reprodução ampliada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No sistema *arista* da unidade A, o ritmo e a intensidade de trabalho são uniformes e homogêneos para todos os trabalhadores; eles são pressionados a obter uma nota mínima 7 (de zero a dez), atribuída segundo as avaliações realizadas diariamente pelo gerente de cada divisão com base nos seguintes critérios: frequência, disciplina, domínio, rendimento e iniciativa, visando a receber a premiação de 24% sobre o salário mínimo ao mês.

TABELA 2
Renda dos Assentados no Assentamento Rural da
Unidade B, em 1997

Indivíduo	R.M.	Auto-consumo	R.F.A	Moradores
1	130,00	15,08	145,08	4
2	60,00	-	60,00	3
3	400,00	14,08	414,08	11
4	300,00	19,20	319,20	4
5	350,00	14,08	364,08	6
6	500,00	30,00	530,00	14
7	300,00	30,00	330,00	6
8	120,00	13,76	133,76	3
9	400,00	13,44	413,44	9
10	160,00	21,00	181,00	7
11	360,00	18,72	378,72	4
12	SR	-	-	1
13	75,00	-	75,00	4
14	SR	-	-	6
15	SR	-	-	6
16	SR	-	-	6
17	50,00	20,00	70,00	11
18	300,00	-	300,00	9
19	SR	-	-	5
20	SR	-	-	3
21	SR	-	-	4
22	200,00	18,00	218,00	8
23	SR	-	-	2
24	SR	-	-	12
25	SR	-	-	6
26	150,00	12,00	162,00	5
27	120,00	23,76	143,76	1
28	150,00	12,00	162,00	4
29	300,00	10,08	310,08	6
30	200,00	11,00	211,00	5
31	SR	-	-	12
32	112,00	-	112,00	9
33	150,00	-	150,00	3
34	280,00	10,08	290,08	9
35	SR	-	-	4
36	SR	-	-	3
37	168,00	25,00	193,00	12
38	170,00	34,08	204,08	8
39	150,00	12,00	162,00	7
40	120,00	14,22	134,22	4
41	784,00	55,00	839,00	2
42	200,00	13,00	213,00	1

Fonte: Pesquisa de campo.

Notas: RM - Renda Monetária

RFA - Renda Familiar Agrícola

SR - Sem renda

Convém ressaltar um aspecto importante que os dados sugerem: a natureza da renda familiar no sistema *arista* e no assentamento; tratam-se de duas categorias diferentes. No sistema *arista* da unidade A, a renda familiar provém da soma das rendas individuais de cada membro da família (filhos, esposa, sobrinhos...). A renda familiar bruta é determinada pela soma de esforços e circunstâncias laborais diferentes - cada membro da família tem seu universo próprio de trabalho, que, na maioria das situações, em nada se vincula ao universo de atividades do *arista* titular.

Ao final, há apenas uma composição de rendas individuais que eleva a renda familiar (inexistem interdependência e correlação entre a atividade laboral dos membros da família). O grupo familiar é considerado um somatório de indivíduos vinculados apenas por relações de parentesco e solidariedade. No assentamento, a situação é complexa e menos nítida. As eventuais diferenciações das rendas individuais são quase inexistentes. Há casos em que só o assentado trabalha na lavoura (a mulher exerce somente funções domésticas). Quando todos os membros da família trabalham, a totalidade do esforço familiar num ambiente e circunstâncias únicos compõem uma unidade própria. O produto do esforço na lavoura torna-se único, do grupo familiar, e não somente do assentado; portanto, a própria concepção de família torna-se mais coesa e homogênea, visando a um objetivo comum. O grupo familiar passa a ser visto como uma unidade coletiva.

Vale observar que o rendimento físico de banana da terra, no assentamento do tipo B é superior ao do tipo A, 111 centos/ha/ano em 4h e 81,15 centos/ha/ano em 10ha, respectivamente. Apesar de não se considerarem fatores, como fertilidade do solo e melhor assimilação pelos assentados dos conhecimentos técnicos fornecidos pela cooperativa, há, no assentado-tipo A, envolvimento de mais pessoas do grupo familiar no processo produtivo que no tipo B, aumentando a quantidade de mão-de-obra vinculada à lavoura. No tipo B, o tamanho da família corresponde a 6 pessoas, sendo que, por ser a idade dos filhos, em média, jovem, a que se aplica o parâmetro de avaliação de 0,7 na composição da unidade de consumo, para obter a cesta básica familiar, a intensidade e a quantidade de mão-de-obra são menores. O assentado-tipo A apresenta, como já assinalado, uma produção anual de banana da terra bem superior à do assentado-tipo B, em virtude de haver mais mão-de-obra (membros do grupo familiar), trabalhando na lavoura, numa área também maior.

A distinção que se observa entre o sistema de produção arista e o sistema de produção do assentamento está na impossibilidade de mobilidade social naquele, enquanto neste, os trabalhadores possuem uma perspectiva de ampliação de sua renda. Naquele, o regime de assalariamento condiciona a permanência do trabalhador-arista na região de reprodução simples; portanto, comparando-se a variação de renda em ambos os casos, esta é mínima no sistema arista, concen-

trando-se entre o limite inferior de um salário mínimo obrigatório e o limite superior de uma remuneração um pouco acima de um salário mínimo e meio, conforme se observa na Tabela 1. No assentamento, comparando-se as rendas dos assentados, a variação é mais dispersa, caracterizando a existência das três situações, indigência, reprodução simples e reprodução ampliada, num mesmo sistema de produção; por isso que o assentado possui condições de ascender socialmente, obtendo um padrão de vida superior, inclusive acumulando capital, que pode ser reinvestido no processo produtivo. Analogamente, a variação de renda entre os aristas é residual, em decorrência, principalmente da quantidade de salários-família vinculada à idade de filhos e da participação diferenciada dos aristas nos lucros da unidade A.

ABSTRACT:

.....

The aim of this paper is to explain some aspects of the two new kinds of organizational form of labor and production in cocoa region. The actual economic crisis of cocoa plantation, characterized by the loss of competitiveness of brazilian cocoa in the international market, has contributed to the appearance of these organizational forms of management, based in arista system and agrarian conflicts, resulted by the land reform. The first is a form of salary relation and the second is a form of cooperativism. These inovations are included in a context of structural changes of cocoa agribusiness. The analysis are based on microeconomics aspects of two different production systems, using the Agrarian Systems Methodology, which is necessary to understand the particularities and characteristics of the representative arista or peasant, involving three kinds of life standard: extreme poverty, simple reproduction and increased reproduction.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. AZIZ, Carla. *Conjuntura do cacau*. Salvador: UFBA/Faculdade de Ciências Econômicas, 1997. (mimeo).
02. COUTO, Vitor A. (coord.) *Banco de Dados 1996*. Salvador: UFBA/Faculdade de Ciências Econômicas, 1996. (*Ops*, série banco de dados).
03. COUTO, Vitor A. Crise estrutural e integração dos aristas do cacau. *Bahia Agrícola*. Salvador, v.1, n.0, nov.1995.
04. ROMEIRO, Ademar. Entrevista. *Revista Ops*. Salvador: v.1, n.3, p. 8-22, Inverno, 1996.
05. SILVA JUNIOR, Milton F., FERREIRA, Antônio Alberto C. O sistema arista e a reestruturação produtiva na Fazenda Oceania, Itajibá (BA), 1987-94. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 34. *Anais...Aracaju*, 6-8 agosto de 1996. Brasília: SOBER, 1996. v. 2.
06. TREVISAN, Salvador, FERREIRA, Janete. Características das relações produtivas da grande lavoura cacauera. In: REUNIÃO DA SBPC, 42, *Anais...Porto Alegre*: 1990. 357p.

Recebido para publicação em 27.06.97.